

Pesquisa em Estudos Culturais na Comunicação no Brasil: um levantamento da Intercom na última década (2008-2018)

Investigación en Estudios Culturales en la Comunicación en Brasil: un levantamiento de Intercom en la última década (2008-2018)

Research in Cultural Studies in Communication in Brazil: a survey of Intercom in the last decade (2008-2018)

Nayara de Arêdes Oliveira

Mestranda em Comunicação e Sociedade pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Sergipe (PPGCOM/UFS)

Contato: nayara.aredes.jor@gmail.com

Artigo submetido em 27/03/2019
Aprovado em 18/05/2019



Resumo

Este trabalho busca identificar tendências atuais na Pesquisa em Comunicação no Brasil na área dos Estudos Culturais. Para tanto, realiza um levantamento nos anais de congresso dos encontros nacionais da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom) nos últimos dez anos. Os resultados mostram que a pesquisa brasileira em Estudos Culturais na Comunicação se estrutura principalmente por meio dos estudos de recepção e das questões de identidade. Outra inferência é a de que os Estudos Culturais redirecionaram o foco da Pesquisa em Comunicação para os sujeitos e suas relações.

Palavras-chave: Intercom, Estudos Culturais, Pesquisa em Comunicação, Brasil

Resumen

This work seeks to identify current trends in Communication Research in Brazil in the Cultural Studies field. Therefore, it carries out a survey based on the conference proceedings of the Brazilian Society of Interdisciplinary Communication Studies (Intercom), in the past ten years. The results show that the Brazilian research in Cultural Studies and Communication is mainly structured through the audience studies and identity issues. Another inference is that Cultural Studies redirected the focus of Communication research to subjects and their relationships.

Keywords: Intercom, Cultural Studies, Communication Research, Brazil

Abstract

Este trabajo busca identificar las tendencias actuales en la Investigación en Comunicación en Brasil en el área de Estudios Culturales. Para tanto, realiza un levantamiento de los anales de congreso de los encuentros nacionales de la Sociedad Brasileña de Estudios Interdisciplinarios de la Comunicación (Intercom) en los últimos diez años. Los resultados revelan que la investigación brasileña en Estudios Culturales en la Comunicación se estructura principalmente por medio de los estudios de recepción y de las cuestiones de identidad. Otra inferencia es que los Estudios Culturales redireccionaron el foco de la Investigación en Comunicación para los sujetos y sus relaciones.

Palabras clave: Intercom, Estudios Culturales, Investigación en Comunicación, Brasil

1. Disponível em: <<http://www.portalintercom.org.br/eventos1/congresso-nacional/apresentacao5>>. Acesso em: 24 mar. 2019

Introdução

Esta pesquisa objetiva documentar tendências atuais na pesquisa em Comunicação no Brasil na esfera dos Estudos Culturais. Esse esforço faz parte do referencial teórico da pesquisa de Mestrado em Comunicação e Sociedade intitulada “Colunismo social e representação feminina: uma análise do caderno Thais Bezerra”, atualmente em andamento pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Sergipe (PPGCOM/UFS) e financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

O estudo procura inventariar os trabalhos vinculados à linha dos Estudos Culturais presentes nos anais de congressos da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom). O levantamento debruçou-se sobre os arquivos de anais eletrônicos de congressos nacionais da Intercom entre os anos de 2008 e 2018, disponíveis na plataforma online da entidade¹.

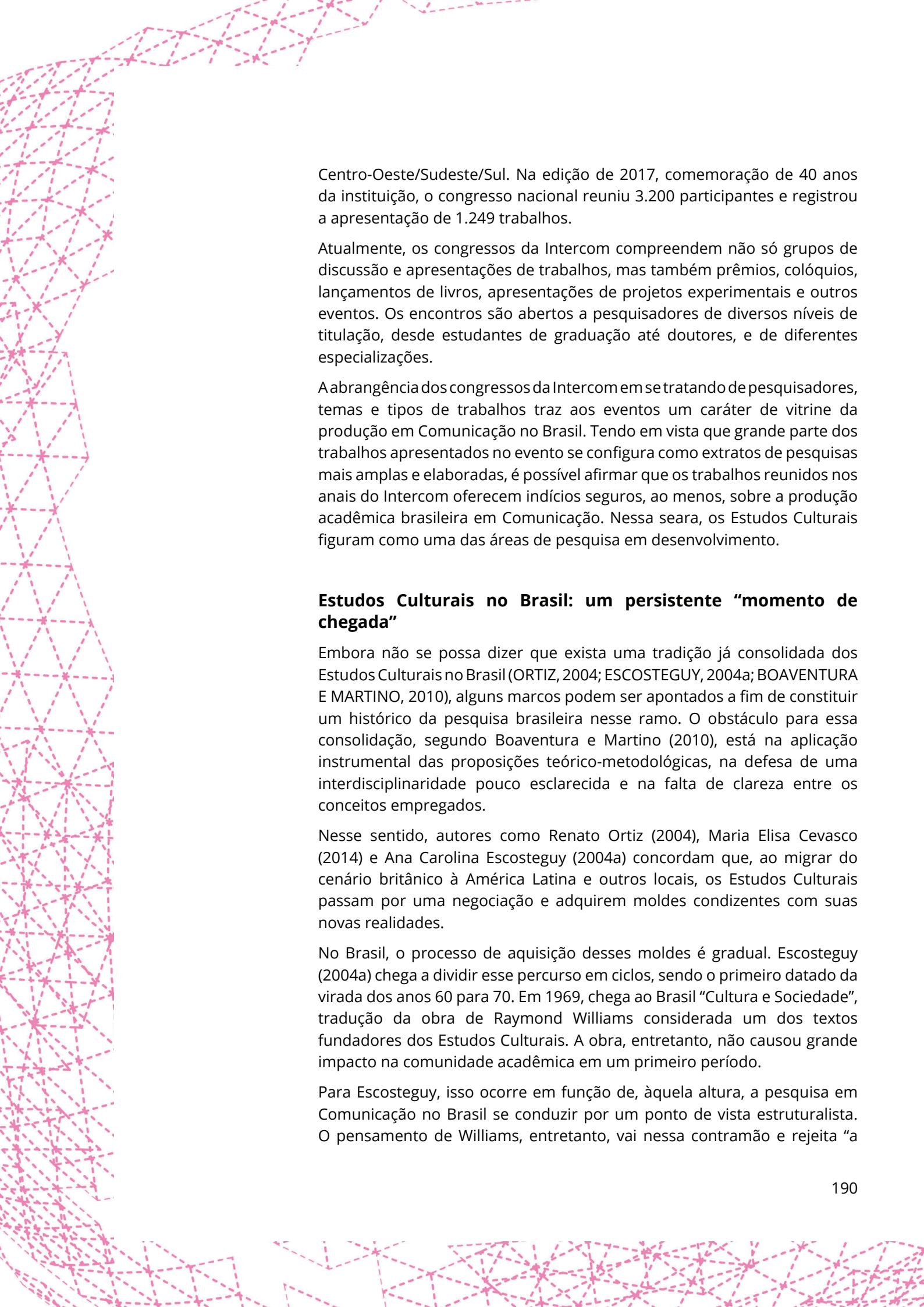
A pesquisa propôs-se a observar como parte da produção científica em Comunicação no ramo dos Estudos Culturais se distribuiu geograficamente pelo Brasil nos últimos 10 anos, além de estabelecer um painel conceitual. No total, foram obtidos 83 resultados. Como acréscimo, o estudo traz uma perspectiva introdutória sobre a inserção dos Estudos Culturais no Brasil. Por fim, concentra atenção nos trabalhos do *corpus* que aproximam as correntes dos Estudos Culturais e da Economia Política da Comunicação (EPC).

Intercom e indícios da produção acadêmica em Comunicação no Brasil

Fundada em 12 de dezembro de 1977 em São Paulo, a Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom) vem se consolidando como uma das principais entidades em seu segmento desde então (INTERCOM, 2019). Essa fundação é reflexo do incremento da produção acadêmica em Comunicação no Brasil na década de 1970, período marcado pela implantação dos primeiros programas de pós-graduação do país (ESCOSTEGUY, 2004a).

Inicialmente, além da publicação de boletins periódicos, a Intercom articulou a promoção de encontros anuais. Em 1978, foi realizado o I Ciclo de Estudos Interdisciplinares da Comunicação na cidade de Santos, São Paulo, que reuniu 50 congressistas. Dez anos depois, além dos encontros nacionais, a Intercom passou a promover os então chamados Simpósios Regionais de Pesquisa em Comunicação (SIPECs).

Os Ciclos de Estudo e SIPECs ampliaram-se ao longo dos anos, transformando-se, respectivamente, no Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação e no Congresso de Pesquisa em Comunicação da Região Norte/Nordeste/



Centro-Oeste/Sudeste/Sul. Na edição de 2017, comemoração de 40 anos da instituição, o congresso nacional reuniu 3.200 participantes e registrou a apresentação de 1.249 trabalhos.

Atualmente, os congressos da Intercom compreendem não só grupos de discussão e apresentações de trabalhos, mas também prêmios, colóquios, lançamentos de livros, apresentações de projetos experimentais e outros eventos. Os encontros são abertos a pesquisadores de diversos níveis de titulação, desde estudantes de graduação até doutores, e de diferentes especializações.

A abrangência dos congressos da Intercom em se tratando de pesquisadores, temas e tipos de trabalhos traz aos eventos um caráter de vitrine da produção em Comunicação no Brasil. Tendo em vista que grande parte dos trabalhos apresentados no evento se configura como extratos de pesquisas mais amplas e elaboradas, é possível afirmar que os trabalhos reunidos nos anais do Intercom oferecem indícios seguros, ao menos, sobre a produção acadêmica brasileira em Comunicação. Nessa seara, os Estudos Culturais figuram como uma das áreas de pesquisa em desenvolvimento.

Estudos Culturais no Brasil: um persistente “momento de chegada”

Embora não se possa dizer que exista uma tradição já consolidada dos Estudos Culturais no Brasil (ORTIZ, 2004; ESCOSTEGUY, 2004a; BOAVENTURA E MARTINO, 2010), alguns marcos podem ser apontados a fim de constituir um histórico da pesquisa brasileira nesse ramo. O obstáculo para essa consolidação, segundo Boaventura e Martino (2010), está na aplicação instrumental das proposições teórico-metodológicas, na defesa de uma interdisciplinaridade pouco esclarecida e na falta de clareza entre os conceitos empregados.

Nesse sentido, autores como Renato Ortiz (2004), Maria Elisa Cevasco (2014) e Ana Carolina Escosteguy (2004a) concordam que, ao migrar do cenário britânico à América Latina e outros locais, os Estudos Culturais passam por uma negociação e adquirem moldes condizentes com suas novas realidades.

No Brasil, o processo de aquisição desses moldes é gradual. Escosteguy (2004a) chega a dividir esse percurso em ciclos, sendo o primeiro datado da virada dos anos 60 para 70. Em 1969, chega ao Brasil “Cultura e Sociedade”, tradução da obra de Raymond Williams considerada um dos textos fundadores dos Estudos Culturais. A obra, entretanto, não causou grande impacto na comunidade acadêmica em um primeiro período.

Para Escosteguy, isso ocorre em função de, àquela altura, a pesquisa em Comunicação no Brasil se conduzir por um ponto de vista estruturalista. O pensamento de Williams, entretanto, vai nessa contramão e rejeita “a



determinação direta do âmbito da economia sobre a cultura e desta como reprodutora da estrutura social” (ESCOSTEGUY, 2004a, p. 22).

Como citado, os primeiros programas de pós-graduação em Comunicação no Brasil surgem na década de 70. Segundo Ortiz (2004), a penetração dos Estudos Culturais no espaço acadêmico brasileiro ocorre “pelas bordas (...), na periferia do campo hierarquizado das ciências sociais” (p. 121) e acaba por romper os limites tradicionais dos departamentos e universidades, dado seu caráter multidisciplinar.

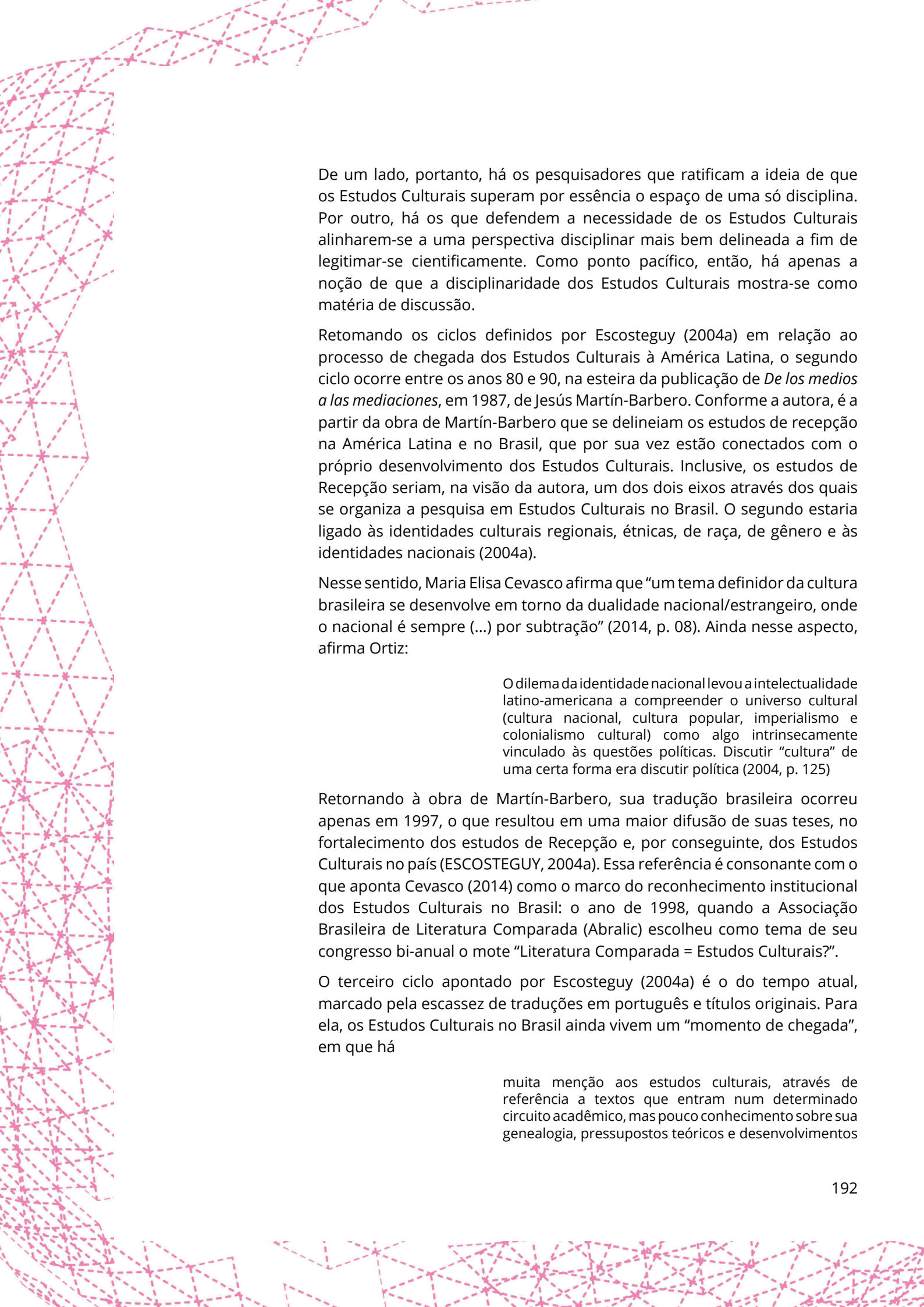
Nesse aspecto, o status disciplinar dos Estudos Culturais e seu lugar na ciência são uma persistente discussão entre pesquisadores. Ao traçar um percurso histórico dos Estudos Culturais desde a Escola de Birmingham e empreender um esforço para entender seu contexto de surgimento e desenvolvimento, Escosteguy afirma que os Estudos Culturais “resultam da insatisfação com os limites de algumas disciplinas, propondo, então, a inter/trans ou, ainda para alguns, a antidisciplinaridade” (2001, p. 34).

Assim, a autora denomina os Estudos Culturais como um campo de intersecções entre diversas disciplinas voltado ao estudo de aspectos culturais da sociedade contemporânea. A Comunicação seria, portanto, uma das áreas do conhecimento a se apropriar dos Estudos Culturais como base teórico-metodológica de investigação.

Para Restrepo (2014), a interdisciplinaridade e/ou transdisciplinaridade é um dos pontos que diferencia os Estudos Culturais dos demais estudos sobre Cultura. O autor considera que a atitude trans/interdisciplinar nasce como um esforço para superar o reducionismo. Tomando o exemplo da Sociologia e da Antropologia, comenta:

No es la arrogancia cómoda de predicar (usualmente desde una escandalosa ignorancia) que estas disciplinas están ‘superadas’ o ‘mandadas a recoger’. Es la invitación a rearticular creativa y críticamente aquellos aspectos conceptuales o metodológicos de orígenes disciplinarios múltiples (o incluso de campos transdisciplinarios o no disciplinarios como la teoría feminista) en función de las preguntas y en el estilo propio de los estudios culturales. (RESTREPO, 2014, p. 04)

Na visão de Follari (2003), entretanto, reivindicar para os Estudos Culturais um status de inter/trans/multi/in/antidisciplinaridade não é, necessariamente, um trunfo para o campo. Pelo contrário: o autor afirma que a disciplinaridade é fundamental para o avanço do conhecimento científico e que, em nome de sua superação, os Estudos Culturais vem incorrendo em descuidos metodológicos e falta de rigor conceitual. Outra crítica de Follari é à tendência de centralização de todo o trabalho interdisciplinar em um só indivíduo, fungindo à noção de construção coletiva.



De um lado, portanto, há os pesquisadores que ratificam a ideia de que os Estudos Culturais superam por essência o espaço de uma só disciplina. Por outro, há os que defendem a necessidade de os Estudos Culturais alinharem-se a uma perspectiva disciplinar mais bem delineada a fim de legitimar-se cientificamente. Como ponto pacífico, então, há apenas a noção de que a disciplinaridade dos Estudos Culturais mostra-se como matéria de discussão.

Retomando os ciclos definidos por Escosteguy (2004a) em relação ao processo de chegada dos Estudos Culturais à América Latina, o segundo ciclo ocorre entre os anos 80 e 90, na esteira da publicação de *De los medios a las mediaciones*, em 1987, de Jesús Martín-Barbero. Conforme a autora, é a partir da obra de Martín-Barbero que se delineiam os estudos de recepção na América Latina e no Brasil, que por sua vez estão conectados com o próprio desenvolvimento dos Estudos Culturais. Inclusive, os estudos de Recepção seriam, na visão da autora, um dos dois eixos através dos quais se organiza a pesquisa em Estudos Culturais no Brasil. O segundo estaria ligado às identidades culturais regionais, étnicas, de raça, de gênero e às identidades nacionais (2004a).

Nesse sentido, Maria Elisa Cevalco afirma que “um tema definidor da cultura brasileira se desenvolve em torno da dualidade nacional/estrangeiro, onde o nacional é sempre (...) por subtração” (2014, p. 08). Ainda nesse aspecto, afirma Ortiz:

O dilema da identidade nacional levou a intelectualidade latino-americana a compreender o universo cultural (cultura nacional, cultura popular, imperialismo e colonialismo cultural) como algo intrinsecamente vinculado às questões políticas. Discutir “cultura” de uma certa forma era discutir política (2004, p. 125)

Retornando à obra de Martín-Barbero, sua tradução brasileira ocorreu apenas em 1997, o que resultou em uma maior difusão de suas teses, no fortalecimento dos estudos de Recepção e, por conseguinte, dos Estudos Culturais no país (ESCOSTEGUY, 2004a). Essa referência é consonante com o que aponta Cevalco (2014) como o marco do reconhecimento institucional dos Estudos Culturais no Brasil: o ano de 1998, quando a Associação Brasileira de Literatura Comparada (Abralic) escolheu como tema de seu congresso bi-anual o mote “Literatura Comparada = Estudos Culturais?”.

O terceiro ciclo apontado por Escosteguy (2004a) é o do tempo atual, marcado pela escassez de traduções em português e títulos originais. Para ela, os Estudos Culturais no Brasil ainda vivem um “momento de chegada”, em que há

muita menção aos estudos culturais, através de referência a textos que entram num determinado circuito acadêmico, mas pouco conhecimento sobre sua genealogia, pressupostos teóricos e desenvolvimentos

2. Esta pesquisa parte de uma perspectiva bardaniana, cujas premissas se estabelecem na obra "Análise de Conteúdo". (BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2011). Sobre Análise Documental, ver: MOREIRA, Sonia Virgínia. Análise documental como método e como técnica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (orgs.). Métodos e técnicas de Pesquisa em Comunicação. São Paulo: Atlas, 2005

atuais. Assim, na maioria das vezes, trata-se de conhecimento de segunda-mão. (ESCOSTEGUY, 2004a, p. 24)

Apesar das críticas, a autora aponta mudanças na pesquisa brasileira em Comunicação em função do estabelecimento dos Estudos Culturais. Essas mudanças seriam: 1) a problematização da Comunicação como um fenômeno centrado nas próprias tecnologias, passando a considerá-la como um processo que envolve os sujeitos na produção de sentido; 2) o deslocamento do olhar centrado nas tecnologias para a experiência dos sujeitos; e 3) o interesse pelas identidades culturais dos sujeitos mediadas pelas tecnologias, que acabam por renovar teorias e compor um novo viés de pesquisa acerca de questões não propriamente novas – tais como gênero, raça e sexualidade (ESCOTESGUY, 2004a).

Merece destaque a visão de Cevasco (2014), que afirma que o trabalho de alguns pensadores brasileiros, a exemplo de Antônio Cândido, Paulo Emílio Salles Gomes e Roberto Schwarz, não só é consonante com as postulações dos teóricos fundadores dos Estudos Culturais como as antecipa.

Marcada a trajetória dos Estudos Culturais no Brasil, o levantamento proposto torna possível delinear os rumos dessa pesquisa em uma perspectiva hodierna.

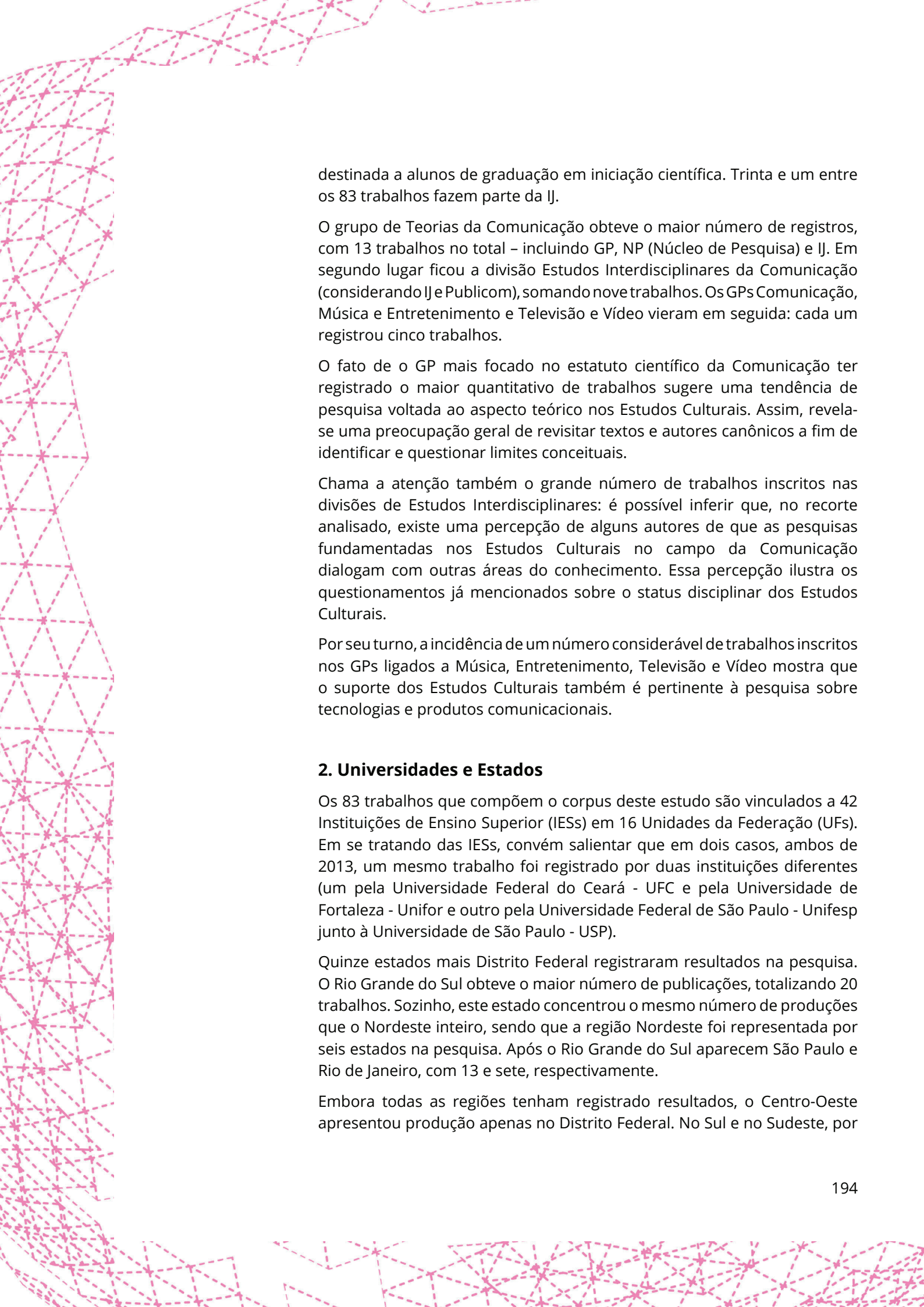
Dez anos de Estudos Culturais na Intercom: levantamento

O presente levantamento dos anais de congressos nacionais da Intercom utilizou-se de técnicas alinhadas à Análise de Conteúdo e à Análise Documental². Foram selecionados e sistematizados todos os trabalhos contendo o termo "Estudos Culturais" em seus títulos e/ou palavras-chave. Este critério partiu da intenção de inventariar apenas artigos para os quais os Estudos Culturais se constituíssem não apenas referência teórica, mas também suporte temático.

Foram considerados também os Grupos de Pesquisa (GPs) nos quais os trabalhos estavam inscritos, as Instituições de Ensino Superior (IESs) com as quais seus autores mantinham vínculo, os estados que abrigam tais instituições e as titulações dos autores. Obtivemos 83 resultados inscritos em 34 diferentes GPs, vinculados a 42 instituições de ensino em 16 unidades da Federação, com 160 autorias relacionadas. Ao todo, os trabalhos apresentaram 353 registros de palavras-chave, sendo 192 descontadas as repetições.

1. GPs

Em relação aos Grupos de Pesquisa, os trabalhos foram inscritos em 34 diferentes seções. Destas, 10 são integrantes da divisão Intercom Júnior (IJ),



destinada a alunos de graduação em iniciação científica. Trinta e um entre os 83 trabalhos fazem parte da IJ.

O grupo de Teorias da Comunicação obteve o maior número de registros, com 13 trabalhos no total – incluindo GP, NP (Núcleo de Pesquisa) e IJ. Em segundo lugar ficou a divisão Estudos Interdisciplinares da Comunicação (considerando IJ e Publicom), somando nove trabalhos. Os GPs Comunicação, Música e Entretenimento e Televisão e Vídeo vieram em seguida: cada um registrou cinco trabalhos.

O fato de o GP mais focado no estatuto científico da Comunicação ter registrado o maior quantitativo de trabalhos sugere uma tendência de pesquisa voltada ao aspecto teórico nos Estudos Culturais. Assim, revela-se uma preocupação geral de revisitar textos e autores canônicos a fim de identificar e questionar limites conceituais.

Chama a atenção também o grande número de trabalhos inscritos nas divisões de Estudos Interdisciplinares: é possível inferir que, no recorte analisado, existe uma percepção de alguns autores de que as pesquisas fundamentadas nos Estudos Culturais no campo da Comunicação dialogam com outras áreas do conhecimento. Essa percepção ilustra os questionamentos já mencionados sobre o status disciplinar dos Estudos Culturais.

Por seu turno, a incidência de um número considerável de trabalhos inscritos nos GPs ligados a Música, Entretenimento, Televisão e Vídeo mostra que o suporte dos Estudos Culturais também é pertinente à pesquisa sobre tecnologias e produtos comunicacionais.

2. Universidades e Estados

Os 83 trabalhos que compõem o corpus deste estudo são vinculados a 42 Instituições de Ensino Superior (IESs) em 16 Unidades da Federação (UFs). Em se tratando das IESs, convém salientar que em dois casos, ambos de 2013, um mesmo trabalho foi registrado por duas instituições diferentes (um pela Universidade Federal do Ceará - UFC e pela Universidade de Fortaleza - Unifor e outro pela Universidade Federal de São Paulo - Unifesp junto à Universidade de São Paulo - USP).

Quinze estados mais Distrito Federal registraram resultados na pesquisa. O Rio Grande do Sul obteve o maior número de publicações, totalizando 20 trabalhos. Sozinho, este estado concentrou o mesmo número de produções que o Nordeste inteiro, sendo que a região Nordeste foi representada por seis estados na pesquisa. Após o Rio Grande do Sul aparecem São Paulo e Rio de Janeiro, com 13 e sete, respectivamente.

Embora todas as regiões tenham registrado resultados, o Centro-Oeste apresentou produção apenas no Distrito Federal. No Sul e no Sudeste, por

sua vez, todos os estados registraram resultados. Sul e Sudeste também empatam com o maior número de produções, sendo 28 de cada.

O estado com maior número de IESs representadas é São Paulo, com sete, seguido do Rio Grande do Sul, com seis, e do Rio de Janeiro, com cinco. As relações entre número de trabalhos registrados, instituições e estados podem ser visualizadas na tabela abaixo:

Tabela 1 – UFs, IESs e trabalhos vinculados (Fonte: elaboração própria)

UF	IESs	Trabalhos por IES	Total de Trabalhos
AM	UFAM	01	01
BA	Faculdade Social	01	09
	UESC	01	
	UFBA	05	
	UFRB	02	
CE	UFC	05	05
	UNIFOR	01	
DF	UNB	04	04
ES	UFES	02	02
MA	UFMA	01	01
MG	UFJF	01	06
	UFMG	01	
	UFU	04	
PA	UFPA	02	02
PE	UFPE	01	02
	UFRPE	01	
PI	UFPI	01	02
PR	UEL	01	06
	UEPG	01	
	UFPR	03	
	UNILA	01	
RJ	PUC/RJ	01	07
	UERJ	02	
	UFF	02	
	UNIRIO	01	
	UNISUAM	01	
RS	PUC/RS	01	20
	UCPEL	01	
	UFPEL	02	
	UFSM	13	
	ULBRA	02	
	UNISINOS	01	
SC	FURB	01	02
	UNIVALI	01	
SE	UFS	01	01
SP	Casper Líbero	02	13
	Centro Paula Souza	01	
	ESPM	01	
	UMESP	04	
	UNESP	01	
	UNESP	01	
	USP	04	

3. Disponível em:
<<https://www.compos.org.br/programas.php>>
Acesso em: 26 abr. 2019

A discrepância entre quantidades de trabalhos apresentados e de estados representados revela que, no recorte analisado, a pesquisa brasileira em Comunicação fundamentada pelos Estudos Culturais concentrou-se no eixo Sudeste-Sul.

Essa concentração pode estar relacionada ao fato de que alguns dos mais antigos programas de pós-graduação em Comunicação do país estão justamente nessas duas regiões, enquanto no Norte e no Nordeste, por exemplo, há estados que sequer possuem programas filiados à Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação (Compós³).

3. Autorias

Os trabalhos considerados somam 160 registros de autoria, sendo 29 para doutores, 12 para doutorandos, 11 para mestres, 27 para mestrandos, 11 para graduados e 50 para graduandos. Para fins de registro, observamos a maior titulação de cada autor, já concluída ou em curso. Houve, ainda, 20 titulações não informadas, em cujos trabalhos o autor aparecia apenas como professor/orientador.

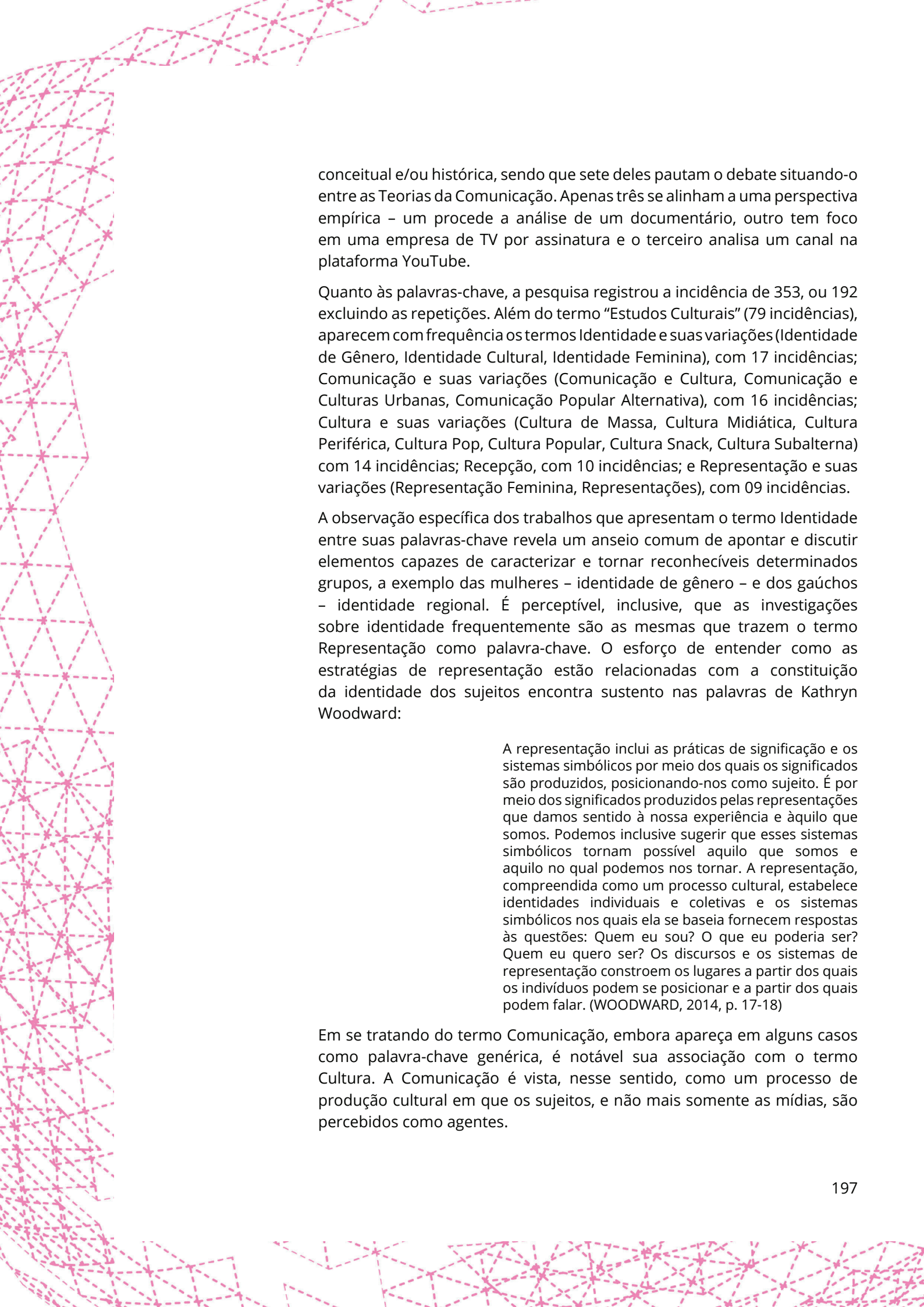
Para este corpus, uma análise mais abrangente apoiaria-se no detalhamento dos perfis de autoria. Além de números e titulação dos autores, caberia indicar os programas de pós-graduação e/ou departamentos/núcleos/grupos de pesquisa aos quais eles estariam vinculados e as áreas do conhecimento que, ao lado da Comunicação, compreendem a produção acadêmica no campo dos Estudos Culturais.

Inicialmente, esta pesquisa propôs-se a aprofundar-se nesse nível de detalhes. No entanto, deparou-se com empecilhos. O fato de as informações necessárias para compor esse tipo de perfil advirem da autodeclaração dos autores cria lacunas, uma vez que não há padrão determinado para o aporte desses dados e, com isso, sua sistematização acabar por apresentar incongruências. É o caso, por exemplo, de autores que se descrevem como professores sem especificar se desempenham suas atividades em nível de graduação e/ou pós-graduação. Outro exemplo é o daqueles que declaram sua titulação e a IES através da qual ela foi obtida, mas não apontam em qual área.

Ainda assim, é perceptível a correspondência entre os autores de maior titulação e os estados aos quais estão vinculados: entre os 29 trabalhos com autoria de doutores, apenas nove são associados a estados fora do eixo Sudeste-Sul, o que corrobora a relação de concentração pontuada no tópico antecedente.

4. Palavras-chave

Dezoito entre os 83 trabalhos do corpus incluem o termo “Estudos Culturais” em seus títulos. Predominam os estudos que partem de uma perspectiva



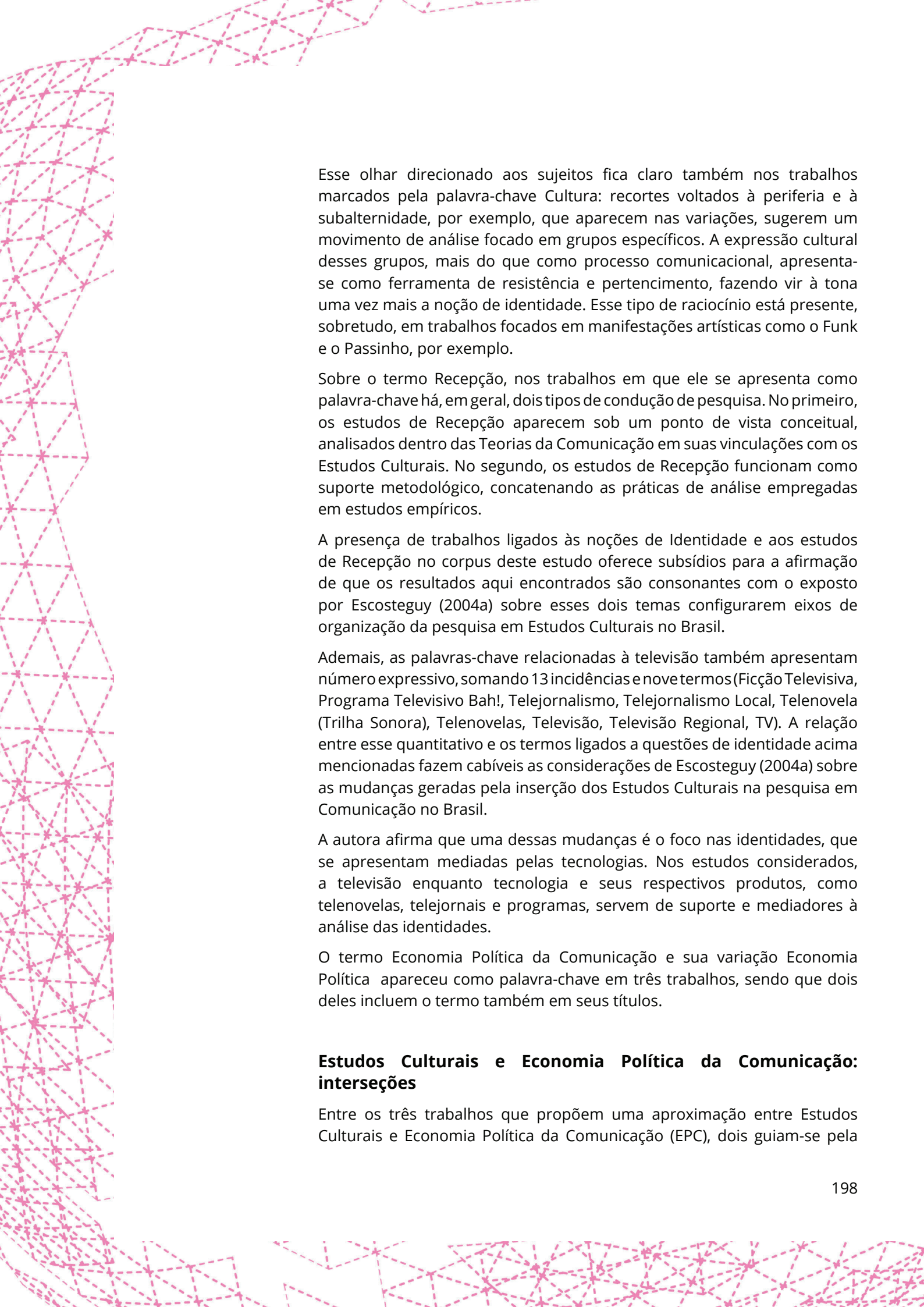
conceitual e/ou histórica, sendo que sete deles pautam o debate situando-o entre as Teorias da Comunicação. Apenas três se alinham a uma perspectiva empírica – um procede a análise de um documentário, outro tem foco em uma empresa de TV por assinatura e o terceiro analisa um canal na plataforma YouTube.

Quanto às palavras-chave, a pesquisa registrou a incidência de 353, ou 192 excluindo as repetições. Além do termo “Estudos Culturais” (79 incidências), aparecem com frequência os termos Identidade e suas variações (Identidade de Gênero, Identidade Cultural, Identidade Feminina), com 17 incidências; Comunicação e suas variações (Comunicação e Cultura, Comunicação e Culturas Urbanas, Comunicação Popular Alternativa), com 16 incidências; Cultura e suas variações (Cultura de Massa, Cultura Midiática, Cultura Periférica, Cultura Pop, Cultura Popular, Cultura Snack, Cultura Subalterna) com 14 incidências; Recepção, com 10 incidências; e Representação e suas variações (Representação Feminina, Representações), com 09 incidências.

A observação específica dos trabalhos que apresentam o termo Identidade entre suas palavras-chave revela um anseio comum de apontar e discutir elementos capazes de caracterizar e tornar reconhecíveis determinados grupos, a exemplo das mulheres – identidade de gênero – e dos gaúchos – identidade regional. É perceptível, inclusive, que as investigações sobre identidade frequentemente são as mesmas que trazem o termo Representação como palavra-chave. O esforço de entender como as estratégias de representação estão relacionadas com a constituição da identidade dos sujeitos encontra sustento nas palavras de Kathryn Woodward:

A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. Podemos inclusive sugerir que esses sistemas simbólicos tornam possível aquilo que somos e aquilo no qual podemos nos tornar. A representação, compreendida como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia fornecem respostas às questões: Quem eu sou? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser? Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar. (WOODWARD, 2014, p. 17-18)

Em se tratando do termo Comunicação, embora apareça em alguns casos como palavra-chave genérica, é notável sua associação com o termo Cultura. A Comunicação é vista, nesse sentido, como um processo de produção cultural em que os sujeitos, e não mais somente as mídias, são percebidos como agentes.



Esse olhar direcionado aos sujeitos fica claro também nos trabalhos marcados pela palavra-chave Cultura: recortes voltados à periferia e à subalternidade, por exemplo, que aparecem nas variações, sugerem um movimento de análise focado em grupos específicos. A expressão cultural desses grupos, mais do que como processo comunicacional, apresenta-se como ferramenta de resistência e pertencimento, fazendo vir à tona uma vez mais a noção de identidade. Esse tipo de raciocínio está presente, sobretudo, em trabalhos focados em manifestações artísticas como o Funk e o Passinho, por exemplo.

Sobre o termo Recepção, nos trabalhos em que ele se apresenta como palavra-chave há, em geral, dois tipos de condução de pesquisa. No primeiro, os estudos de Recepção aparecem sob um ponto de vista conceitual, analisados dentro das Teorias da Comunicação em suas vinculações com os Estudos Culturais. No segundo, os estudos de Recepção funcionam como suporte metodológico, concatenando as práticas de análise empregadas em estudos empíricos.

A presença de trabalhos ligados às noções de Identidade e aos estudos de Recepção no corpus deste estudo oferece subsídios para a afirmação de que os resultados aqui encontrados são consonantes com o exposto por Escosteguy (2004a) sobre esses dois temas configurarem eixos de organização da pesquisa em Estudos Culturais no Brasil.

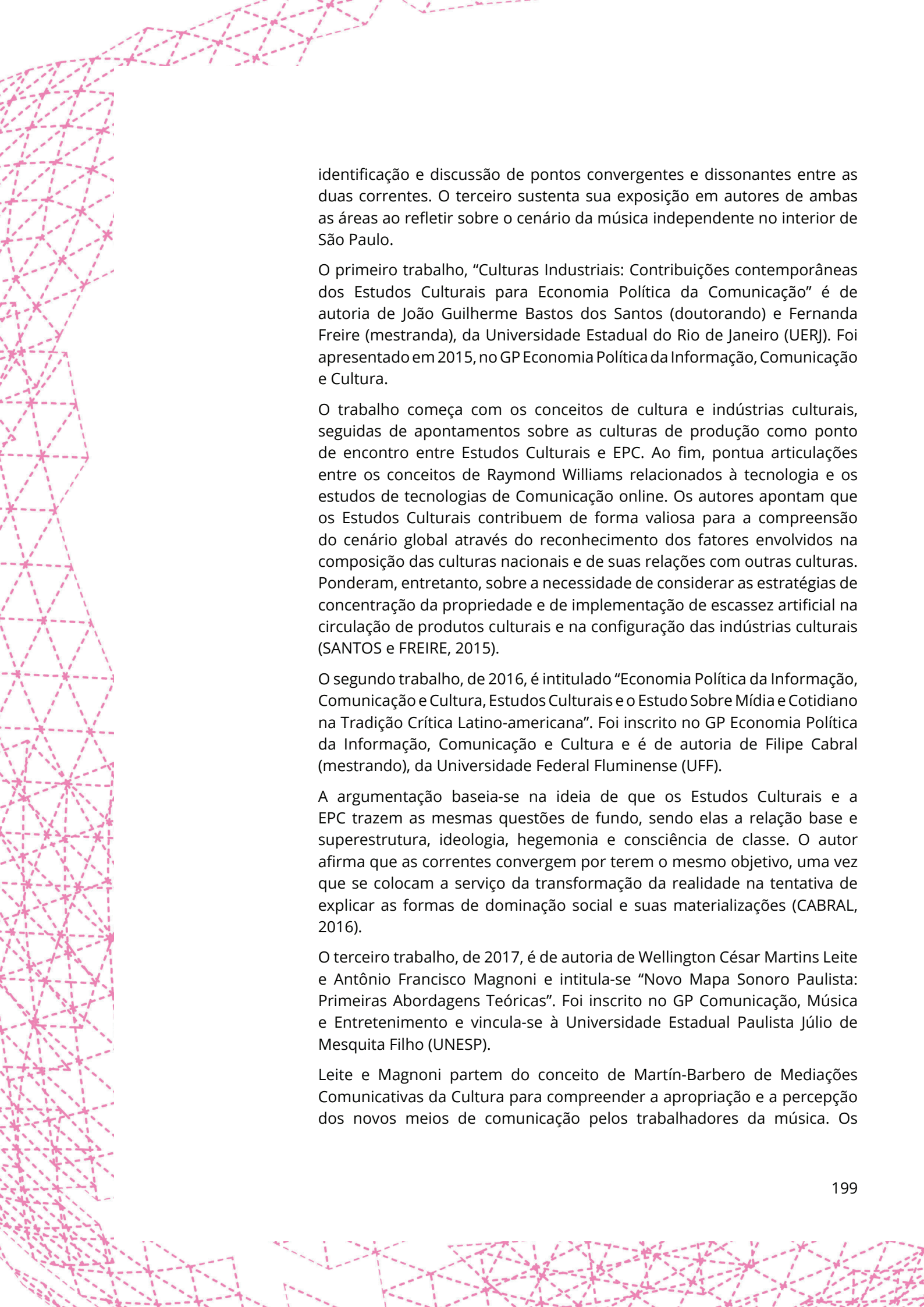
Ademais, as palavras-chave relacionadas à televisão também apresentam número expressivo, somando 13 incidências e nove termos (Ficção Televisiva, Programa Televisivo Bah!, Telejornalismo, Telejornalismo Local, Telenovela (Trilha Sonora), Telenovelas, Televisão, Televisão Regional, TV). A relação entre esse quantitativo e os termos ligados a questões de identidade acima mencionadas fazem cabíveis as considerações de Escosteguy (2004a) sobre as mudanças geradas pela inserção dos Estudos Culturais na pesquisa em Comunicação no Brasil.

A autora afirma que uma dessas mudanças é o foco nas identidades, que se apresentam mediadas pelas tecnologias. Nos estudos considerados, a televisão enquanto tecnologia e seus respectivos produtos, como telenovelas, telejornais e programas, servem de suporte e mediadores à análise das identidades.

O termo Economia Política da Comunicação e sua variação Economia Política apareceu como palavra-chave em três trabalhos, sendo que dois deles incluem o termo também em seus títulos.

Estudos Culturais e Economia Política da Comunicação: interseções

Entre os três trabalhos que propõem uma aproximação entre Estudos Culturais e Economia Política da Comunicação (EPC), dois guiam-se pela



identificação e discussão de pontos convergentes e dissonantes entre as duas correntes. O terceiro sustenta sua exposição em autores de ambas as áreas ao refletir sobre o cenário da música independente no interior de São Paulo.

O primeiro trabalho, “Culturas Industriais: Contribuições contemporâneas dos Estudos Culturais para Economia Política da Comunicação” é de autoria de João Guilherme Bastos dos Santos (doutorando) e Fernanda Freire (mestranda), da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Foi apresentado em 2015, no GP Economia Política da Informação, Comunicação e Cultura.

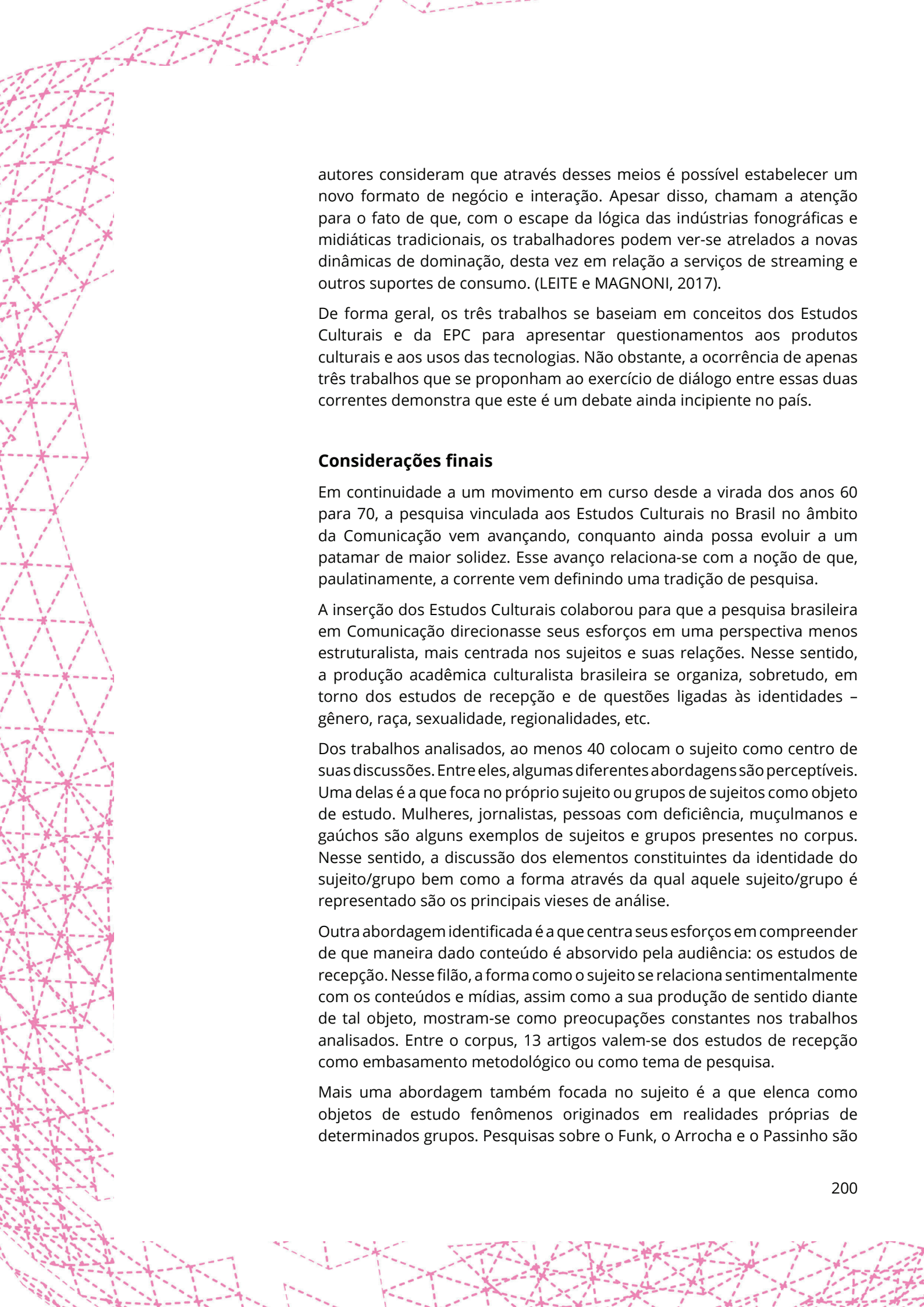
O trabalho começa com os conceitos de cultura e indústrias culturais, seguidas de apontamentos sobre as culturas de produção como ponto de encontro entre Estudos Culturais e EPC. Ao fim, pontua articulações entre os conceitos de Raymond Williams relacionados à tecnologia e os estudos de tecnologias de Comunicação online. Os autores apontam que os Estudos Culturais contribuem de forma valiosa para a compreensão do cenário global através do reconhecimento dos fatores envolvidos na composição das culturas nacionais e de suas relações com outras culturas. Ponderam, entretanto, sobre a necessidade de considerar as estratégias de concentração da propriedade e de implementação de escassez artificial na circulação de produtos culturais e na configuração das indústrias culturais (SANTOS e FREIRE, 2015).

O segundo trabalho, de 2016, é intitulado “Economia Política da Informação, Comunicação e Cultura, Estudos Culturais e o Estudo Sobre Mídia e Cotidiano na Tradição Crítica Latino-americana”. Foi inscrito no GP Economia Política da Informação, Comunicação e Cultura e é de autoria de Filipe Cabral (mestrando), da Universidade Federal Fluminense (UFF).

A argumentação baseia-se na ideia de que os Estudos Culturais e a EPC trazem as mesmas questões de fundo, sendo elas a relação base e superestrutura, ideologia, hegemonia e consciência de classe. O autor afirma que as correntes convergem por terem o mesmo objetivo, uma vez que se colocam a serviço da transformação da realidade na tentativa de explicar as formas de dominação social e suas materializações (CABRAL, 2016).

O terceiro trabalho, de 2017, é de autoria de Wellington César Martins Leite e Antônio Francisco Magnoni e intitula-se “Novo Mapa Sonoro Paulista: Primeiras Abordagens Teóricas”. Foi inscrito no GP Comunicação, Música e Entretenimento e vincula-se à Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP).

Leite e Magnoni partem do conceito de Martín-Barbero de Mediações Comunicativas da Cultura para compreender a apropriação e a percepção dos novos meios de comunicação pelos trabalhadores da música. Os



autores consideram que através desses meios é possível estabelecer um novo formato de negócio e interação. Apesar disso, chamam a atenção para o fato de que, com o escape da lógica das indústrias fonográficas e midiáticas tradicionais, os trabalhadores podem ver-se atrelados a novas dinâmicas de dominação, desta vez em relação a serviços de streaming e outros suportes de consumo. (LEITE e MAGNONI, 2017).

De forma geral, os três trabalhos se baseiam em conceitos dos Estudos Culturais e da EPC para apresentar questionamentos aos produtos culturais e aos usos das tecnologias. Não obstante, a ocorrência de apenas três trabalhos que se proponham ao exercício de diálogo entre essas duas correntes demonstra que este é um debate ainda incipiente no país.

Considerações finais

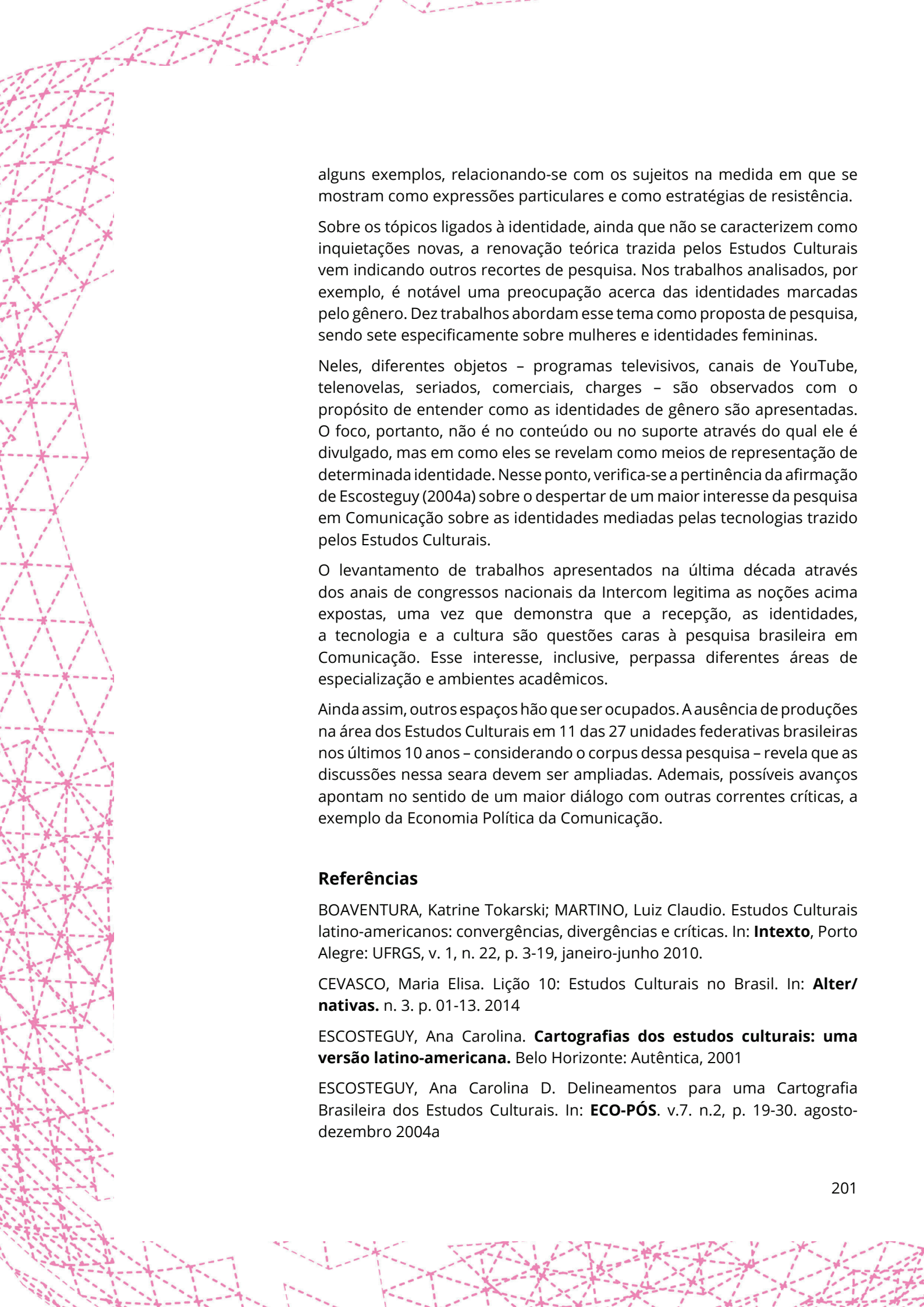
Em continuidade a um movimento em curso desde a virada dos anos 60 para 70, a pesquisa vinculada aos Estudos Culturais no Brasil no âmbito da Comunicação vem avançando, conquanto ainda possa evoluir a um patamar de maior solidez. Esse avanço relaciona-se com a noção de que, paulatinamente, a corrente vem definindo uma tradição de pesquisa.

A inserção dos Estudos Culturais colaborou para que a pesquisa brasileira em Comunicação direcionasse seus esforços em uma perspectiva menos estruturalista, mais centrada nos sujeitos e suas relações. Nesse sentido, a produção acadêmica culturalista brasileira se organiza, sobretudo, em torno dos estudos de recepção e de questões ligadas às identidades – gênero, raça, sexualidade, regionalidades, etc.

Dos trabalhos analisados, ao menos 40 colocam o sujeito como centro de suas discussões. Entre eles, algumas diferentes abordagens são perceptíveis. Uma delas é a que foca no próprio sujeito ou grupos de sujeitos como objeto de estudo. Mulheres, jornalistas, pessoas com deficiência, muçulmanos e gaúchos são alguns exemplos de sujeitos e grupos presentes no corpus. Nesse sentido, a discussão dos elementos constituintes da identidade do sujeito/grupo bem como a forma através da qual aquele sujeito/grupo é representado são os principais vieses de análise.

Outra abordagem identificada é a que centra seus esforços em compreender de que maneira dado conteúdo é absorvido pela audiência: os estudos de recepção. Nesse filão, a forma como o sujeito se relaciona sentimentalmente com os conteúdos e mídias, assim como a sua produção de sentido diante de tal objeto, mostram-se como preocupações constantes nos trabalhos analisados. Entre o corpus, 13 artigos valem-se dos estudos de recepção como embasamento metodológico ou como tema de pesquisa.

Mais uma abordagem também focada no sujeito é a que elenca como objetos de estudo fenômenos originados em realidades próprias de determinados grupos. Pesquisas sobre o Funk, o Arrocha e o Passinho são



alguns exemplos, relacionando-se com os sujeitos na medida em que se mostram como expressões particulares e como estratégias de resistência.

Sobre os tópicos ligados à identidade, ainda que não se caracterizem como inquietações novas, a renovação teórica trazida pelos Estudos Culturais vem indicando outros recortes de pesquisa. Nos trabalhos analisados, por exemplo, é notável uma preocupação acerca das identidades marcadas pelo gênero. Dez trabalhos abordam esse tema como proposta de pesquisa, sendo sete especificamente sobre mulheres e identidades femininas.

Neles, diferentes objetos – programas televisivos, canais de YouTube, telenovelas, seriados, comerciais, charges – são observados com o propósito de entender como as identidades de gênero são apresentadas. O foco, portanto, não é no conteúdo ou no suporte através do qual ele é divulgado, mas em como eles se revelam como meios de representação de determinada identidade. Nesse ponto, verifica-se a pertinência da afirmação de Escosteguy (2004a) sobre o despertar de um maior interesse da pesquisa em Comunicação sobre as identidades mediadas pelas tecnologias trazido pelos Estudos Culturais.

O levantamento de trabalhos apresentados na última década através dos anais de congressos nacionais da Intercom legitima as noções acima expostas, uma vez que demonstra que a recepção, as identidades, a tecnologia e a cultura são questões caras à pesquisa brasileira em Comunicação. Esse interesse, inclusive, perpassa diferentes áreas de especialização e ambientes acadêmicos.

Ainda assim, outros espaços hão que ser ocupados. A ausência de produções na área dos Estudos Culturais em 11 das 27 unidades federativas brasileiras nos últimos 10 anos – considerando o corpus dessa pesquisa – revela que as discussões nessa seara devem ser ampliadas. Ademais, possíveis avanços apontam no sentido de um maior diálogo com outras correntes críticas, a exemplo da Economia Política da Comunicação.

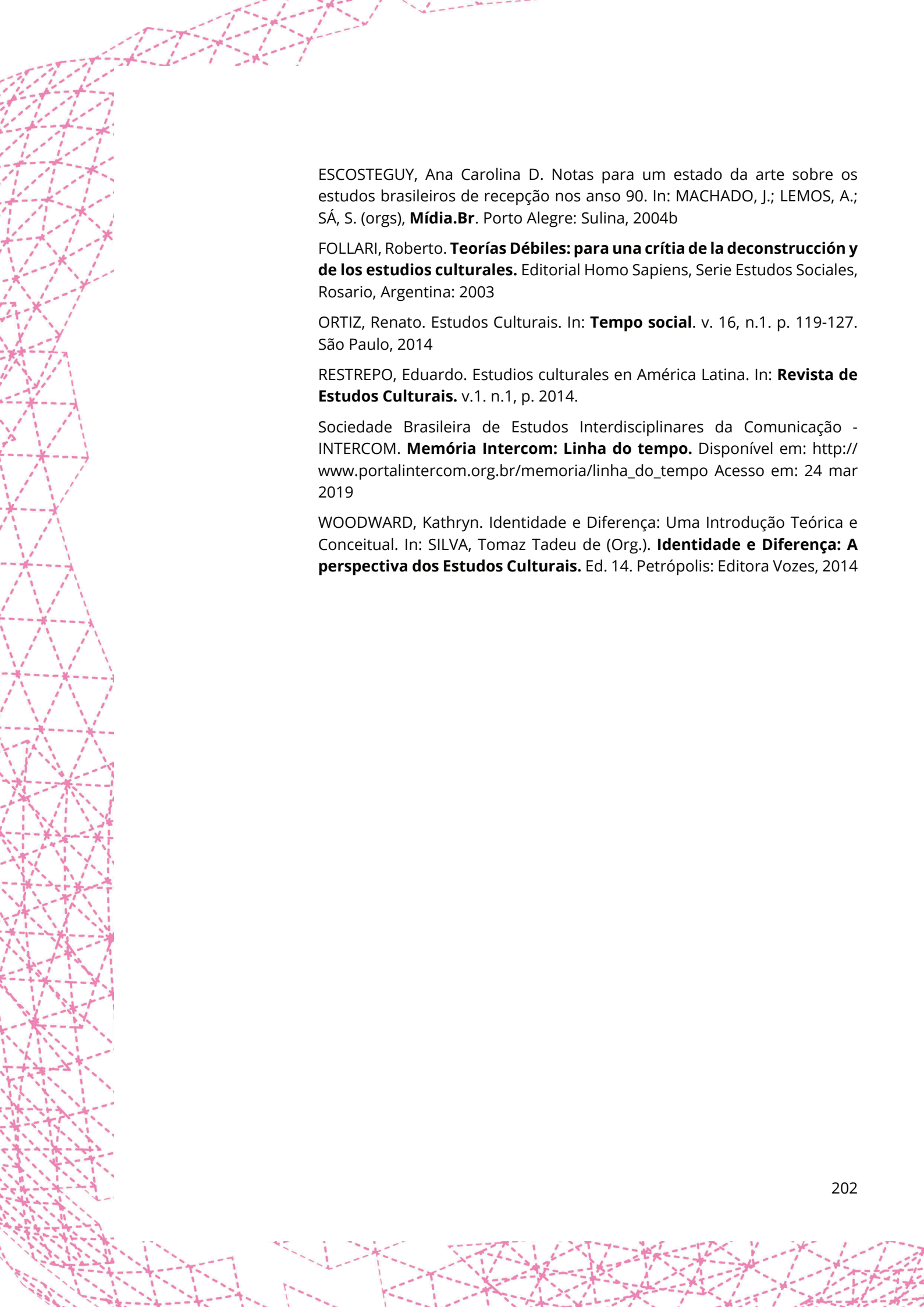
Referências

BOAVENTURA, Katrine Tokarski; MARTINO, Luiz Claudio. Estudos Culturais latino-americanos: convergências, divergências e críticas. In: **Intexto**, Porto Alegre: UFRGS, v. 1, n. 22, p. 3-19, janeiro-junho 2010.

CEVASCO, Maria Elisa. Lição 10: Estudos Culturais no Brasil. In: **Alter/nativas**. n. 3. p. 01-13. 2014

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **Cartografias dos estudos culturais: uma versão latino-americana**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. Delineamentos para uma Cartografia Brasileira dos Estudos Culturais. In: **ECO-PÓS**. v.7. n.2, p. 19-30. agosto-dezembro 2004a



ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. Notas para um estado da arte sobre os estudos brasileiros de recepção nos anos 90. In: MACHADO, J.; LEMOS, A.; SÁ, S. (orgs), **Mídia.Br**. Porto Alegre: Sulina, 2004b

FOLLARI, Roberto. **Teorías Débiles: para una crítica de la deconstrucción y de los estudios culturales**. Editorial Homo Sapiens, Serie Estudios Sociales, Rosario, Argentina: 2003

ORTIZ, Renato. Estudos Culturais. In: **Tempo social**. v. 16, n.1. p. 119-127. São Paulo, 2014

RESTREPO, Eduardo. Estudios culturales en América Latina. In: **Revista de Estudos Culturais**. v.1. n.1, p. 2014.

Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - INTERCOM. **Memória Intercom: Linha do tempo**. Disponível em: http://www.portalintercom.org.br/memoria/linha_do_tempo Acesso em: 24 mar 2019

WOODWARD, Kathryn. Identidade e Diferença: Uma Introdução Teórica e Conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu de (Org.). **Identidade e Diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais**. Ed. 14. Petrópolis: Editora Vozes, 2014